

RESISTÊNCIA

DOCUMENTÁRIO PATRIANOVISTA

DESTINADO À DIVULGAÇÃO DA DOUTRINA MONÁRQUICA, AO COMBATE AOS EXTREMISMOS
E TÔDA ATIVIDADE CONTRÁRIA À LEGITIMIDADE HISTÓRICA DA PÁTRIA

N.º 1

Director: JERONYMO RICARDO DE MATTOS — Secretário: ARLINDO BAPTISTA PEREIRA

AV. IPIRANGA, 1123 — S/ 603 — FONE 32-6620 — Cx. Postal, 8503

IMPERIAL CIDADE DE SÃO PAULO DE PIRATININGA

JANEIRO

1954



NOTA SOBRE O
BOLETIM

N.º 22 de 1950

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Depois que um grupo de tarados iluministas apregoeou pelo Ocidente, empestando a Cristandade, as suas teorias utópicas e alheias aos dados da realidade e, escorados nas multas das sociedades secretas anti-católicas e anti-nacionais, fizeram a revolução anti-francesa que, a fogo e a subcultura, através das folhas, foi no espírito e nas instituições espanhola pelo mundo. — tudo perdeu o sentido justo, tudo perdeu conteúdo intuitivo para tornar-se apenas vácuo.

Vivemos de abstrações. Passaram as nações a ser meras cobaias de experiências de doutrinas químicas, vítimas de Estados falsos que não representam um complemento lógico (e ontológico) da sua realidade viva e palpante (deus nações), tal a ficção de Arte Poética de Horácio.

Inefáveis marginais, forçam e reforçam os povos a tolerar paquidormicamente a ciência da estultícia com que pretendem dirigir a pobre humanidade, impantes de abstrações.

Foram essas as considerações que nos ocorreram ao lermos que se preparava mais uma lei em defesa da república... em que se pretendia constituir crime de infidelidade à Pátria? Não «respeitar a forma de governo e as instituições vigentes, nos termos da Constituição Federal».

«Primeiro, o Brasil, depois a Constituição» — foi o artigo que há uma dúzia de anos escrevemos quando a república anteriormente se sentiu em perigo e ameaçada com lei semelhante as que acreditamos como nós que a república é absolutamente alheia à Nação Brasileira e constitui apenas DESGRAÇA COMPLETA para ela, na expressão clara, distinta e verdadeira do Marechal Deodoro, escrita quando não sofria de 40 graus de febre.

A quem pretende atingir a lei republicana? A nós? Mas nós não estamos conspirando. Dizemos alto e bom som o que pensamos do regime que totalitariamente nos foi imposto em 89. Viamos aos urelístas os termos da lei? Mas, então, declaram logo sem hipocrisia e não inventem leis de dois gumes que, alvejando tediosamente os inimigos da Pátria, sempre descarregam sobre os patriotas, preconizadores dum Estado brasileiro genuíno, corda natural da identidade histórica e sociológica da Nação.

Que os escravos das abstrações não prejudiquem os verdadeiros realistas.

PORQUE "RESISTENCIA"?

O aparecimento de «Resistência» decorreu da falta de um veículo de divulgação dos ideais monárquicos de que a nossa antiga e sempre nova «Ação Imperial Patrianovista Brasileira» carecia, não só para documentar nossas atividades, debater nossos princípios, combater os erros republicanos, apontar o caminho iluminado da verdade, como também para manter sempre acesa a chama

da Causa Brasileira e ainda restabelecer o contacto com nossos correligionários.

«Resistência» aparece para substituir a série de nossos «Boletins», parados que estavam no número 28, desde 1948, quando do aparecimento de «Orgânica Patrianovista».

Não sendo «Resistência» um órgão de imprensa ordinária por excelência, pois tem curso apenas entre

os adeptos de nossa fé Imperial, a publicação é esporádica, não periódica; isto quer dizer que ela vem à luz toda vez que haja matéria a divulgar e recursos financeiros provenientes de contribuições de nossos associados.

Ela por que «Resistência».

J. B. M.

PORTUGAL RESTAURADO PELA MONARQUIA

Trechos de um Manifesto assinado por Alberto Moniz, Hipólito Raposo, José Pequeto Rebelo e Luiz de Almeida Braga, em Lisboa, 8 de Abril de 1950.

Há algumas dezenas de anos, existiam muitos monárquicos de sentimento e fé sincera, mas sem formação de doutrina; depois, com o andar dos anos e o desandar das ilhas de restauração do Trono, ainda assim o número das doutrinas crescia, mas na razão inversa da confiança no esforço próprio ou alheio, para dar combate aos detentores do Poder Público.

Em obediência à ordem que impera no mundo de hoje, vai-se reduzindo o número dos tronos na Europa e na Ásia, enquanto cada vez mais aumentam em força de consciências as razões que havia para os conservar, como superiores garantias de unidade, de justiça, de paz e prosperidade das nações.

Depois de tão duras e sangüinárias experiências, já os povos se mostram cansados e desiludidos de totalitarismos, de repúblicas, de violências contra as pessoas e de governos de polícia secreta, embora ainda vão prestando culto eterno aos mitos da Democracia, triunfantes em números, mas sempre derrotados pelos enganos das suas próprias vitórias.

A truculência jacobina da Anti-Nação sucede ou substitui-se a hipocrisia da Pseudo-Nação, a diáfana e a tirania em razão de Estado, a encobrir misérrimas com cartazes, a contentar prosperidade contraditória do empobrecimento geral, a falsear os direitos do espírito pela ostentação de realizações materiais, trocando os meios pelos fins, aos olhos da coletividade.

Nas bases que em 1914 se ofereciam para o ressurgimento português, nada de substancial terá de ser alterado, substituindo de elas as permanentes notas da personalidade da Nação Portuguesa, os mesmos postulados de salvação pública, as mesmas esferas dos poderes de paz, justiça e harmonia social, a exercer pelo Ceptro e pela Coroa, na salutar virtuosidade da Monarquia de amanhã.

Todo o sistema há-de assentar na autonomia dos municípios, na sistematização profissional livre, no poder pessoal do Rei dentro da esfera própria, e na aceitação da Doutrina Católica para base da educação nas escolas, nas famílias e no convívio social.

Portugal considera historicamente seus e protesta recuperar os territórios e as povoações usurpadas por força ou injustiça dos estados estrangeiros.

Por imperativo da Doutrina e da História, o regime político natural e necessário ao maior-bem-comum do Povo Português, é a Monarquia Hereditária, Unitária e Representativa. (Obs. Tal qual o Patrianovismo Brasileiro.)

Na sua função própria e fora de subordinação a qualquer outro poder, o Rei é o chefe da Força Armada e da Diplomacia, o primeiro servo da Nação, para segurança da sua vida, defesa da sua independência e fiança das suas liberdades.

O Poder Real reside na Família Reinante e transmite-se por sucessão natural e legítima na ordem da primogenitura. O seu exercício é limitado pelos foros e leis do Reino que o monarca jura respeitar no ato solene da aclamação, nos termos da Lei Fundamental. Conformente à sua origem e à tradição das dinastias, a Monarquia Portuguesa é cristã-católica no seu espírito e realizações, sendo-lhe inerente o caráter paternal e popular dos antigos reis que a governaram e engrandeceram.

O Rei governa a Nação e administra-a por intermédio de ministros da sua escolha, sendo assistido pelo Conselho da Coroa, da sua livre nomeação e consulta. As despesas pessoais do Rei, da Família Real e da sua Casa Civil são custeadas pelas rendas dos bens próprios, da Casa Ducal de Bragança, reivindicada, e dos reguengos ou granjas reais a estabelecer em cada uma das Províncias do Reino, das Ilhas Adjacentes e do Ultramar.

Como expressão jurídica da Nação, a organização do Estado em Monarquia Portuguesa é expressa na Lei Fundamental ou Estatuto Nacional, votado em Cortes Gerais.

«E a verdade é que eu, o antigo republicano, democrático e ateu, reconheço perante a lição dos fatos que só existem duas verdades inegáveis na vida dos homens e na vida dos Povos — a doutrina Cristã e a doutrina Monárquica.» — Palavras de João Cristóvão ao morrer. («O Mistério de João Cristóvão» — Romance. Aveiro, 1950.)

PARA LER PELO AVÊSSO

Está a «Bucha» indignada com os tiros pela culatra disparados pelo «povo» contra os empregos públicos a prazo certo.

Sim; o «povo» agora está no Governo!

De nada adianta os buchetos Mangabeiras, Miltons Campos, Carlos La Cerdas, Chatós-Chatós, nem recuperadores de última hora...

O «povo» está mesmo no poder!

Mas há um recurso: a intimidação, a oposição sistemática e depois... o convite para aderir.

A «massa» ficou azeda e o queijo virou gorgonzol; cresceu demais!

E a oligarquia? Não seria um recurso para salvar a república? Não; não é possível. «Eles» não se entendem mais e os seus juramentos estão avacalhados.

E uma ditadurazinha? Outro perigo; pode sair outro tiro pela culatra.

Então, o que fazer? Ah, sim; vamos «regenerá-los»... «creeperá-los»... «restaurá-los»... Não seremos os mestres... grãos-finais

Guarimeadas.

CORRELIGIONÁRIO! - Ajude Resistência com seu auxílio financeiro e com sua produção intelectual!



Discurso pronunciado por Mattos no Comício de Lançamento do Movimento Cívico de Recuperação Nacional, em São Paulo, dia 8-12-53, junto ao Monumento do Ipiranga, às 20 horas. (*)

Recuperação

(PROMOVIDA PELO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO)

MEUS CONCIDADAOS!

A Ação Imperial Patrianovista Brasileira, com existência jurídica desde 1923, quando de sua fundação pelo Professor Veiga dos Santos, órgão cultural do regime monárquico, pré-institucional e não partidário, agremiação de mestres de doutrina e de alunos católicos, — vem prestar seu depoimento, através deste seu obscuro correligionário, à Ação Rememoradora de Costumes Políticos, ou melhor, Movimento Cívico de Recuperação Nacional, encetada pelos homens de bem, apoiada pelos poderes públicos e patrocinada pelo Centro Acadêmico XI de Agosto.

Evidentemente, esta delegação não condiz com a obscuridade de minha pobre pessoa, por ser grandemente honrosa e majestaticamente universalizadora. Se aqui estou, que nada sou nas esferas políticas e até o presente não o pretendi ser, — é porque aqui está a Ação Imperial Patrianovista Brasileira!

Se pretendêssemos, senhores, transformar o pedestal deste monumento dedicado ao fundador do Império Brasileiro, se escolhessemos esta local para o altar da Pátria, aqui está o cenário da Nação Imperial, aqui está a magnitude dos três Braganças que durante oitenta anos, sob a Cruz das Caravelas, da Cruz de Cristo e da Cruz Malhada, aqui deixaram em 1889 o Segundo Império do Mundo, Usitário, feliz e rico, sábio e honesto, forte e eterno!

Veio depois a importação clandestina de teorias dalem-mar e dalem-nação. E houve um golpe. Ditadura. Eleições. Sedições militares, greves e agitações populares. Outro golpe e mais outro. Novas esperanças. Novas promessas e novos desenganos. E a cota sempre piorando... cada vez mais desajustada!

E' que, senhores, fugimos e nos distanciamos cada vez mais de nossas raízes históricas, de nosso berço, de nossa educação original. Entramos no sistema da gangorra república-ditadura-república. Originais que éramos nas Américas, nos tornamos imitando os que no último desejariam tanto ser o que nós éramos!

Estamos hoje assustados com as ondas de desfalcações, de corrupção, de sensacionalismo, de imprensa seducadora, imoral, e até mesmo pornográfica... E veio também em prosa e em verso, o cinema, o rádio, a televisão! Tudo conspirando contra a Pátria! Todas as forças a serviço da dissolução!

Ondas de Saúde e Nudismo, de Seleções Sexuais, de Nudismo e Beleza, de Eritras Pagãs, de Eriticas voluptuosas, de gumnosofias, de Sete-Dedos, de Evasões de Ilhas Anchieta, cafetina e prostitutas entradas no País através das malhas grossas da peneira imigratória, de ledões desmoralizantes de nossa moda e de sei lá o que mais!... Bem; paremos aqui!

Enquanto isso, funcionam junto aos cofres arrombados de todos os tesouros públicos, municipais, provinciais e nacionais, de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, do Osapoc ao Cuiá, a caricata eterna vigilância dos «representantes» do povo comum!

De onde viemos? Do Império hispânico; de oito séculos de cultura e civilização. O que somos? Uma confederação de estados, burocracia, intranquila e desorganizada,

Para onde vamos? Não sabemos. Talvez, se me permittem valcimar, para a 6ª. república presidencialista, oligárquica, sindicalista, socialista ou comunista, que é a mesma coisa.

Há razões para temores? Não: há certeza. A menos que voltemos ao nosso glorioso passado eclipsado em 1889, atualizando as instituições derrubadas pela violência sem o direito. Porque, simplesmente porque, para coarctar o afrouxamento da autoridade sem carreira, improvisada e provisória, recorre-se à punição da violência, do aparato policial e das ditaduras provisórias e fugazes.

Vivemos no eterno preado ladrão-solta ladrão. E aos decantados «problemas nacionais» justa-se outro: a sucessão, o jogo eleitoral, e à clássica irresponsabilidade que o «munus» sufragista confere a alguns indivíduos destituídos de escrúpulos e sem escola de estadismo, sem carreira política, sem tradição de comando.

E' a improvisação do homem que deixa um ramo profissional a que se encarreirará, para aventurar-se neutro no qual é analfabeto, mas que sabe ser ruidoso: ser homem de estado!

E surgem as «conjunturas»; e forjam-se as crises. Mas, eis-to, como promissória a prazo certo, ele ouve de seu clã: — «Aproveita, pessoal, enquanto o nosso Brás é tesoureiro». Depois, nas vésperas de entregar as chaves da barra vazia a seu sucessor, o demissionário sucede os ombros e diz com descaço: «Quem vier atrás feche as portei-ras!» Clama-se em seguida: «O Brasil não tem capitais para seu desenvolvimento! Precisamos de empréstimo, de capital estrangeiros!»

Meus senhores! Estas canções palavras precisavam ser ditas. Elas são muito menos imorais do que o noticiário criminal dos jornais e dos «Saúde e Nudismo». Sim, porque se há jornais que colocam em «caixa alta» epítetos de «galunos» de «caulha» e outros mais violentos, sobra-se a licença de dizer neste «meeting» o porque destes ditirambos.

O Brasil está com febre de 40.º de Liberalismo. A doença, se era insidiosa e crônica, já está em sua fase maligna, revelada pelo estado febril da Nação, tal como Deodoro na manhã cinzenta de 15 de Novembro.

Se o Liberalismo é uma doença psicológica, a isto se deve:

1. — Torna-se o homem liberal pelo desejo natural de independência e vida livre; o liberalismo há de ser por necessidade simpático à natureza depravada do homem.
2. — Pelo desejo de figurar. O Liberalismo é presentemente a idéia dominante. Reiza em toda parte e especialmente na esfera oficial.
3. — Pela cobiça. A desamortização foi e continua sendo a fonte principal de proclitos para o Liberalismo.

Tais são as causas ordinárias de perversão liberal, e a elas podem reduzir-se todas as mais.

De fato, o Liberalismo é o erro capital do nosso tempo. Mescla-se a todas atividades humanas, e desce-nde-se no fundo de todas espécies de iniciativas, inspirando as piores

e corrompendo as melhores. E' a feição moderna e prática do racionalismo científico, o socialismo, o comunismo, o fascismo, o nazismo, bem como o democrático demagógico estão enraizados nele, e nele é que haurem forças as heresias mais recentes — modernismo, americanismo, febronianismo — ou os desvios que se operam em movimentos de fundo católico: liturgicismo, atavismo, fraternalismo, ecumenismo, irenismo!

Os teóricos do liberalismo debaide procuram uma palavra mágica, um «calbo» de Aladim, com que pretendem revelar os arcanos da sabedoria política, numa síntese exdrúcula e vazia de conteúdo. Ora se apegam no nacionalismo jacobino; ora no tão surrado «logom» — democracia —, como se um tratado de sociologia estivesse todo contido no título da obra.

Não, meus senhores, não! Absolutamente não! Não, dizemos nós patrianovistas! Um país não se disciplina submissamente a um regulamento, a um estatuto político. Uma nação nasce com sua história, cresce com sua tradição, projeta-se no futuro com suas características raciais, institucionais, religiosas, com seu idioma original, com o seu solo definido. Em uma palavra: a sua tradição. Quando a tudo isso foge, foge a si mesmo, à sua identidade, e perece, e morre!

Há mais força de lei num costume do que num texto constitucional, quando este se insurge contra aquele. E' mais difícil suprimir-se por lei uma Sexta-Feira da Paixão, ou um Natal, do que dar magnificência e festividade a um feriado do tipo 13 de novembro, 10 de novembro, 20 de outubro!

Nós alcançamos uma época, ainda próxima do velho Império, quando se comparava a república a uma seva de engorda de suínos; mal acabava de se engordar um, lá vinha outro. Não havia «milho» que bastasse para tanta engorda!

Ou senão, aquela deliciosa anedota do Jeca Tatá, narrada por Monteiro Lobato, em que o cabode, apontado para uma secular figura, fenece sob o peso dos tentáculos mata-pau e cipó, explicou ao homem da cidade:

— «Como se chama aquela árvore? Oh!... é a árvore da república! Veja só como está de parasitas!»

Ambas histórias correram mundo livremente; só hoje é que parece terem no esquecido... por interesse egoístico.

Em nossos dias, por exemplo, vimos o seguinte: São Paulo que em 1945 tinha 44 mil funcionários, tem hoje 99 mil, isto é, o dobro e mais alguma coisa de servidores, congestionando as repartições e travando o serviço público. O servidor que em 1945 ganhava 1.200 cruzeiros, ganha hoje no mesmo padrão de vencimentos, 4 contos, isto é, mais do triplo do que ganhava. A receita do Estado que naquela época era de 1.800.000 contos, hoje atinge a 10 milhões e mais 2 milhões de «déficit». Sua dívida de 2 milhões, hoje aproxima-se de 20!

E a Nação com esses milhares de funcionários exarceiros chamados parlamentares, ganhando os maiores vencimentos do mundo além do enriquecimento que auferem quando deixam a interinidade? Numa república em que um chefe de seção ganha mais que um ministro inglês? Não é mesmo a Nação aquela árvore da república?

A truculência jacobina da Anti-Nação sucede ou substitui-se a hipocrisia da Pseudo-Nação, a difamar a tirania em razão de Estado, a encobrir misérias com carizana, a ostentar prosperidade contraditória do empobrecimento geral, a falsear os direitos do espírito pela ostentação de realizações materiais, trocando os meios pelos fins, aos olhos da coletividade.

A insegurança do regime, volúvel e artificial que nos impuseram, sem nenhuma consulta à história e à formação do Direito Pátrio, ao sistema estrangeiro e fantasmagórico que vive de camelôtes «à Coca-Cola», gerou isto que ai estamos vendo: a entrega das chaves do estado a velhacos, a galunos, a «sempert» bolsistas, a pistoleiros, a ignorantes mas ambiciosos, a finórios mas incapazes.

Tal é o sistema em que vivemos. O ambicioso, o aventureiro só basta ter duas qualidades eleitorais: — o dinheiro ou a popularidade, — cada com que pode facilmente guindar-se aos cornos da lua política.

O «partido» é o clube desportivo de sua efêmera preferência torcedora; as eleições, a consagração da sua popularidade ou vulgaridade. Os algarismos «1» somam-se anônimos-leproso; para aquele, tantos mil «1» feirantes; para aquele outro, tantos mil «1» rádiovintes, tantos mil «1» negros, brancos, louros, dos olhos azuis ou castanhos. Esta é a «massa» misturada em que predomina a mediocridade, sempre disposta a celebrar mediocres.

A Verdade, senhores, é o vergaste das consciências embratecidas. Porisso, quem não for culpado, atreva-se a primeira pedra!

Mas esta polifórmica confusão gera, às vezes, valores diferentes, trazendo em sobressaio a segurança administrativa. Que continuidade poderíamos notar de um Campos Sales a um Epitácio, de um Bernardes para um Washington, de um Dutra para um Getúlio, de um Getúlio para outro Getúlio, de um Lúcio para um Munhoz, de um Garces para um Ademar, de um Jânio para um Paulo-de-tal? E houve descontinuidade entre Dom João VI, Pedro I, Pedro II e Regente Isabel?

Eis aí o ponto capital da nossa Orgânica Patrianovista: Continuidade que redundará em segurança, em equilíbrio, em seleção, em formação de valores!

Em 1948 ouvi de certo cidadão em pleno recinto da Assembléia Nacional — que deixava de ser constituinte para ser ordinário: — «Que pena! Eu que pensei que iam promulgar um Código Penal para substituir o Estatuto do Estado Novo, vejo agora que proclamaram a quinta-república demo-libertária!»

Pitoresca expressão de um pobre tabaréu, mas que merece ser anotada pelos coevos da redemocratização.

E aqui estamos hoje, senhores, para remodelar a república, para «recuperar» seus honores, como se fossem bodes ainda restauráveis! Porque a república continua à beira do abismo em que sempre esteve desde 1889 e as sobras do Império já se esgotaram!... Não seria melhor, ao invés de «recuperar», restaurar?



IMPERIAL

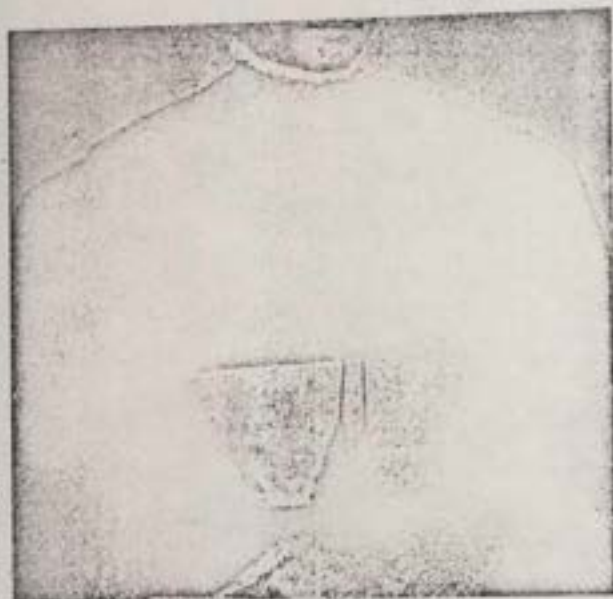
«O IMPÉRIO VOLTARA»

POLLANTEIA DO PENSAMENTO MONARQUICO — coletado em obras de diversos autores — destinado ao estudo da doutrina orgânica de PÁTRIA-NOVA. — Subsídios para o desenvolvimento da Orgânica Patriarquivista — para, servindo aos estudos dos problemas nacionais, apontar um roteiro seguro para a instauração do Novo Império do Brasil.

LEITOR E CORRELIGIONÁRIO:

Envie-nos em setes postais, pelo correio, uma contribuição qualquer, para que possamos publicar o próximo número. Mandar-nos, também, um artigo de sua colaboração original, sobre tema que verse sobre

MONARQUIA,
CRÍTICA AO REGIME VIGENTE, ou
SUGESTÕES CONSTRUTIVAS.



Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Deixar que outros cantem
o São-Paulo materialista,
o São-Paulo de três milhões de habitantes,
o São-Paulo dos arranha-céus gigantes,
o São-Paulo das avenidas: Paulista, Nove de Julho,
de São-João, Ypiranga, Rangel Pestana e Celso Garcia,
das imensas estradas coleantes
onde os carros chispam soberbos, na empáfia dos cruzeiros
queimados em homenagem à técnica do século louco,
do século desequilibrado, do século sem alma,
do século que despreza os problemas humanos,
a miséria dos mais pobres e o enriquecimento dos mais ricos;
o século que criou problemas artificiais e importados,
que diminuía os domicílios dos pequenos;
do século que, construindo usinas de utilidades,
tornou inúteis os esforços dos que mais trabalham,
matando a classe média e profetizando o povo
— a Raça de Gigantes que se tornou fraca e miserável,
explorada e atormentada
para as necessidades de cada dia.

de um país onde se abrigem o maior parque industrial
roubado do conforto familiar,
roubado do sossego, roubado da paz, roubado de governos
[sábios,
roubado da honra, roubado da unidade dos homens e das
[mulheres,
sem lazes, sem alegrias, torturado de problemas insolúveis,
na alimentação, no ensino, na poupança, na glória de ser
[brasileiro.

Eu canto a Piratininga Imperial de quatrocentos anos
nascida da grandeza da Fé de Nóbrega, de Anchieta, de todos
[os Jesuítas,

que plantaram a cruz no Planalto, a Escola, a Profissão,
a alegria da vida, a Família Cristã, o amor da Pátria,
o sentido da vocação eterna do Paulista crente e Imperial.
Eu canto a Imperial São-Paulo do Campo de Piratininga,
o São-Paulo que recebeu o Município livre que subiu de São-Vicente
galgando a Serra do Mar pelo Caminho de Anchieta
por onde ascenderam as livres instituições de Portugal:
a Igreja, a Monarquia, o Município, a Corporação, o Colégio,
a Tropa de Linha, o Espírito Náutico, a Alma das Bandeiras.
Eu canto a Fé e o Império que subiu a Piratininga
ao encontro do lusiada João Ramalho, o Pai dos Paulistas,
o criador dos Brasileiros Mestiços, o domador dos Sertões.
Eu canto a Imperial Piratininga, cheia de Fé e formadora do Império.

Eu canto a Imperial Piratininga que devassou os campos da
[Vacaria,
as campinas do Viadão, de Curitiba e de Lages.
Eu canto todos os Missionários e todos os Bandeirantes;
eu canto os guerreiros de Raposo Tavares,
eu canto as botas de sete-léguas que mil léguas andaram
de Oceano a Oceano.

Eu canto os heróis da conquista das Missões e das glebas do Prata.
Eu canto os vaqueiros do São-Francisco e do Parnambá,
os mineradores das Minas-Gerais, de Goiás e de Matogrosso.
Eu canto os imperiais guerreiros que foram lutar contra os
[herejes de Holanda
junto aos outros guerreiros do Brasil e Portugal.

Eu canto os semeadores de Cidades do grande Império de
[El-Rei Lusitano.
Eu canto os Paulistas navegadores de todos os Rios do Brasil
e viageiros de todos os espigões bravios.
Eu canto a Imperial Piratininga da Fé e do Império,
da Honra e do Brio, do Sangue, do Espírito e do Trabalho.
Eu canto o Paulista que se fez pobre para que o Brasil
[fosse rico,
que se fez rico para que o Brasil fosse forte.
Eu canto o São-Paulo que odiava a traição e a vilania,
que era soberbo no direito e humilde no erro.
Eu canto o São-Paulo que odiou a escravidão e redimiu os
[negros;
eu canto o São-Paulo que legou bens aos escravos libertos
embora outros depois os tivessem roubado.

Eu canto os construtores de vastas igrejas pobres ou ricas,
dos conventos e das capelas santuosas
dispersas por todo o imperial continente,
onde o noivo Antepassado aprendeu a amar a Deus acima de tudo,
acima da riqueza, acima do progresso, acima da glória e acima
[de todos os interesses materiais;
onde Jesus e Maria abençoaram os trabalhadores,
os guerreiros e os missionários que partiam para a dupla guerra,
os anciãos cansados e as crianças esperançosas,
os escravos livres de responsabilidade e os livres escravos de
[cuidados.



... e os fracos que confiavam,
... e os ricos-homens que com honra e desinteresse
[administravam a coisa pública,
os peões valentes e os cavaleiros árdegos,
os nobres de sangue glorificado e os plebeus, futuros nobres.

RECUPERAÇÃO
(Continuação)

... e os fracos que confiavam,
... e os ricos-homens que com honra e desinteresse
[administravam a coisa pública,
os peões valentes e os cavaleiros árdegos,
os nobres de sangue glorificado e os plebeus, futuros nobres.

Eu canto a Imperial Piratininga
que a riqueza não cegou.
Eu canto a Imperial Piratininga que se levantou contra as
[Cortes perjuras
mas ficou fiel à eterna Dinastia dos nossos Reis.
Eu canto a Piratininga Imperial de Oyemhausem e dos An-
[dradas,
de Feijó e dos Paula Sousa,
de Amador Bueno da Ribeira e António Bento,
de Almeida Júnior e Carlos Gomes.

Canto os poetas, lavradores,
os campeões dos cafezais;
os semeadores do trigo,
da cana, o milho e os rosais.
Canto os simples sonhadores,
os artesãos, os tropeiros,
os mascates viajadores,
os negros e índios mineiros.
Canto os batelões heróicos,
os muare e os cães solertes
— heróis sem glória e sem nome —
exemplo aos homens inertes.
Canto o boi — herói paciente,
providência do pastor;
canto o incomparável boi
que, ao mando da Brava Gente,
útil companheiro foi.
Deixar que outros exaltem
o São-Paulo materialista sem alma e sem ideal,
sem sonhos e sem futuro
na megalópolis fatal.

Eu cantarei meus antepassados
amantes das coisas simples:
da família, das missas e rezas,
das raízes e dos circos-de-cavalinhos,
das procissões e touradas,
das churungas e das brigas de galos;
dos cortejos de "Nosso Pai",
dos reizados, romarias,
dos presépios e ladainhas.

Não me orgulho das indústrias, mas do homem que faz as indústrias,
nem dos arranha-céus, mas do homem que faz arranha-céus
e vale muito mais do que eles.
Cantarei a fé que faz grandes as obras
e as obras que atestam a grandeza da fé.
Não elogiarei a Torre de Babel dos soberbos e insanos
que o ruído derriba num momento e a bomba atômica esfarela.
Cantarei a inteligência que Nóbrega orientou,
que António Rodrigues encaminhou ao humanismo de Anchieta,
para "formar muita Cristandade" segundo a vontade de El-Rei.
Canto as terras paradisíacas do Planalto
povoado de farta verdura e de copiosas fontes,
regido do providencial Anhembi dos batelões audazes,
do Tamanduaí e do Anhangabaú.
Canto o Colégio dos Padres
que as mãos profanas do presente sem passado e sem
[futuro destruíram
obedecendo a doutrinas e inspirações inimigas.
Canto o Colégio dos Jesuítas — semente da Arvore da
[Imperial Piratininga.

Cantarei as colinas graciosas que desapareceram
na convulsão do progresso sacrilego
e os bosques e pomares que não existem mais.
Ai se proclamou, não a Independência que o Brasil já tinha
mais do que hoje,
mas a fundação do glorioso Império,
identidade e originalidade da Pátria na confusão das Américas.
Ai, em Piratininga, não houve traição como em 89,
mas a fidelidade das almas nobres da estirpe de Amador Bueno,
que se alçaram às eminências de Martim Afonso de Sousa,
o álibi-ego de Dom João III, o Colonizador!

Acima de tudo, porém, cantarei a nossa verdadeira grandeza,
grandeza de Cidade do Apóstolo;
Cidade Apostólica da Fé, Cidade creadora do Império.
E' essa, IMPERIAL PIRATININGA, a tua Vocação,
a nossa Vocação, dentro da Vocação do Brasil,
Terra de Santa Cruz.
Tu és, IMPERIAL PIRATININGA, o centro da Vocação Imperial
[Lusiada
dentro do Sulamericano Continente,
dentro da Comunidade Lusitana.
Outra Lisboa, ou outra Sagres, és tu, Piratininga Imperial.
Fiel à tua Vocação, viverás.
Se não, morrerás. E breve morrerás. Não restarão senão
[cinzas de ti,
se te fugires, se te evadires, se te renunciarestes, se te mentires.

Cantem outros, insanos e inconscientes,
apenas as tuas grandezas materiais que são como o fumo.
Estás a serviço do Espírito. Deves estar, IMPERIAL PIRA-
[TININGA.
Eu canto a tua Vocação, a Vocação dos teus Fundadores,
dos teus Santos, dos teus Sábios, dos teus Guerreiros, teus Es-
[tadistas:
Vocação Imperial, Vocação Apostólica.
Tu és "São Paulo" de Piratininga, IMPERIAL PIRATININGA!

Mansão São Jorge
Guarulhos, 16 de janeiro de 1954.

Bienal, váia e Carnaval Quatrocentão

Reportagem de ARLINDO BAPTISTA PEREIRA.

Após vários anos de preparativos e ruidosa propaganda, tivemos, afinal, a festa centenária da cidade que mais cresce no mundo.
Ela, em autêntica síntese:
Município — Sem sede, sem paço próprio, com a Prefeitura funcionando provisoriamente num inadequado prédio de apartamentos, — a Câmara, com mandado de despejo expedido para desocupar o velho coarado Palacete Prates, — dezmas de repartições indiscriminadamente espalhadas pela cidade, etc.
Teatro Municipal — O único da cidade, completamente destruído. Só resta do mesmo as paredes e o aspecto externo.
Visitantes Ilustres — Nada de príncipes, de monarcas, de milionários, de chefes de estado estrangeiro.
Hébrapuera — Tudo crê. Nada inaugurado, a não ser um horrendo monte de pedras simbolizando os bandeirantes.
Imprensa — «O Estado», «O Diário» e a «Gazeta» foi a imprensa que se destacou com suas 200 páginas.
Ornatações da cidade — Alguns palanques em estilo futurista, muito pano de treze listras dependurado nos postes. No dia 23 a Light ligou todas as luzes cortadas pelo racionamento. E nada mais.
Urbanização — A cidade, firme no seu índice de 70% de área não pavimentada, com rede de abastecimento de água inferior a 50% de suas necessidades, com redução de 20% de energia elétrica, com menos de 10% de área servida por gás combustível, com quase todos bairros sem canalização de esgotos e águas pluviais, pouquíssima arborização, sem novas avenidas, o trânsito congestionado, o transporte público ainda bastante deficiente, etc.
Bienal — Foi inaugurada a nova sede perpétua. Ingresso: Cr\$ 15,00. Impresão do visitante: Loucura, imoralidade, degradação da estética, do bom senso, da compostura. Insulto à arte e desperdício criminoso de dinheiro. Deloche e provocação. Revolta. Materialização do espírito. Charadas. Besteiras. Chantagem.
Praça - Jacquet Club. — O novo sistema de burlar a lei que proíbe o jogo em todo território nacional. Vulgarização do ex-esporte da nobreza. Jogaína, e nada mais.
Povo — Povo, muito povo! As ruas centrais entupidas de povo. Mulheres que desmaiavam ao calor do escaldante sol, crianças que se perdiam, terras áridas recém-plantadas partindo-se ao peso dos empoleirados, gente que gritava... Um milhão e meio de povo, comprimido nas acanhadas ruas centrais da Paulicéia!



(Conclusão)



lograria...
centro — ar...
tadas em 15 de Novem...
bro, na Praça da Repú...
blica, em homenagem à
dita. Observem como
estão arcadas pelas pa...
ravilas, apesar de recen...
tamente terem sido cre...
cuperadas. Vemos tam...
bém o busto de um poe...
ta — homenagem do G...
A. XI de Agostão. A
direita, seculares, esbel...
tas e soberbas Palmeiras
Imperiais.

ATENÇÃO!

Solicitamos aos nossos Amigos que nos enviem nomes e endereços de pessoas simpatizantes de nosso movimento, bem como recortes de artigos de imprensa que nos digam respeito ou tenham fundo monarchista.

O Tratado de amizade e consulta

MARIO DE MELLO FIGUEIREDO

Jamais poderíamos supor que a república pudesse fazer algo de tão elevado alcance como esse tratado que está em vias de ser ratificado pelo Congresso. Francamente é algo de muito bom para acontecer. Mas, e sempre há um mas, tratado dessa natureza só teria o efeito total desejado se ambas as partes contratantes fossem Monarquias, se fosse baseado portanto numa sólida união que seria possível pelas famílias reinantes. Seria uma união estável porque perene é a família.

Feito entre repúblicas virá por certo sofrer as consequências das instabilidades governativas, dos influxos das paixões, das mudanças de política que se processam de cinco em cinco anos ou mesmo das mudanças de orientação que ocorrem com as mudanças de ministros.

Como vemos, mais um ponto do programa Patrianovista é tentado pela república e esperamos sinceramente que este dê certo, apesar dos pontos de nosso programa terem sido imaginados para uma monarquia.

O Brasil parece que toma consciência de que é Império e se não é politicamente, pelo menos o é territorialmente. Fazemos votos para que a república realize esse Imperial Tratado.

Nós, Patrianovistas com Arlindo Veiga dos Santos à frente vimos pregando desde 1928 exatamente isso que agora vai ser feito. Quem não conhece o admirável «Sentimentos da Fé e do Império» do fundador da «Ação Imperial Patrianovista Brasileira» pensaria que o autor se inspirara no Tratado de Amizade e Consulta entre Brasil e Portugal para compor tão elevados versos.

«Não sou daqui ou dali;
sou de todos;
do Brasil, de Portugal
de Moçambique, atalaia
da empresa oriental;
de Angola, Timor, Guiné,
Diu, Goa, Macau, Açores
Da ideal Ilha dos Amores
Cabo Verde e as ilhas suaves
onde pontei o Funchal
do Príncipe e São-Tomé.»

Sou cidadão de S. Paulo
que está aqui e está em Luanda,
já celebrado em meu auro;
sou ytuano e sou liboeta,
sou carioca e portuense
sou goiano e sua goense
nem há razão que arremeta

para desfazer com êxito
o bem que o destino manda
contra a injustiça execranda.»

Felizmente agora parece que será dita a palavra oficial e o por tuguesa será considerado brasileiro no Brasil (aliás eles sempre se consideraram brasileiros) e o brasileiro será em Portugal tratado como se fosse português (sempre assim fomos tratados).

Ponto importantíssimo (um jornal belga já observou) é a consulta dos dois governos no que se refere a política exterior do Brasil. O Brasil passará a decidir também da política exterior portuguesa e sendo assim passará a ter compromissos nos três oceanos; lembremo-nos de Angola, Moçambique, Timor, Macau, Goa, Diu etc.

Caberia aqui a pergunta: estaremos realmente capacitados para assumir compromissos dessa natureza?

Precisaremos ter esquadra, aquela esquadra que foi a segunda do mundo no tempo do Império. Precisaremos ter esquadra para concretizar o que diz «Sentimentos da Fé e do Império»:

«Todas as águas lusitadas
que são também brasiliadas,
pois brasileiro é não-luso,
queira ou não queira o falso uso
me vem a suzerania
Sou senhor do Tífid, do Douro e o
[Tejo]

Todos amo nada invejo.»

Mas, temos saudades do mar...

«Há saudades no mar
da cruz rubra das caravelas
Há contínuo prantear
nas ondas e nas estrelas
por não poderem mais vê-las
— as asas das caravelas —
nas noites longas do mar.
Choram no peço as serelas
pois já não podem suas teias
guerreiras lusas roubar.»

Que saudades da nossa esquadra!
E Veiga dos Santos continua:

«Onde a nau Catarineta?
Onde a do Bartolomeu?
Há tanta história faceta
que com a espada e com a vida
o nosso nauta escreveu!
«Admirante tudo olvida
Que o velho Gama morreu.»

Como se vê a república assume compromissos de Império.

O Brasil deixa de ser uma nação puramente atlântica para tomar interesse e decidir em regiões de todos os continentes. Sem dúvida alguma melhorou nossa posição no conceito das nações. Agora não sera ele uma voz isolada, quem agora irá falar é uma comunidade de nações, é a comunidade Luso-Brasileira. Evidentemente voltamos à situação em que nos elevamos em 16 de Dezembro de 1815 e que foi rompida em 7 de Setembro de 1822 devido à nefasta política das Cortes que queriam reconstruir o Brasil contrariando a vontade de D. João VI que nos elevara à categoria de Reino do Brasil unido ao Reino de Portugal e Algarves.

No mundo já falou o Reino Unido Brasil Portugal e Algarves, muito brevemente se Deus quiser falará a Comunidade Luso-Brasileira.

Somando a superfície do Brasil com a de Portugal, Angola, Moçambique, Açores, Cabo Verde, Macau, Timor, Goa etc. encontramos o seguinte número: 10.690.000 quilômetros quadrados. Somando suas respectivas populações temos 73.000.000 habitantes.

Além do aspecto geográfico há ainda o aspecto econômico.

Em Portugal o Brasil será considerado como nação mais favorecida e tratamento idêntico terá Portugal no Brasil. Esse ponto do tratado garantirá ao Brasil os benefícios de usufruir das produções de terras de clima temperado e a Portugal, embora tenha entre as suas Províncias Ultramarinas muitas cujo clima se assemelha ao do Brasil, não há dúvidas que será também muito beneficiado. Poderíamos citar aqui uma série de vantagens de ordem econômica, mas, por maior que seja a importância econômica, nada será em face da importância política. Surge no mundo uma nova força, uma força latina, uma força católica que sem dúvida passará na balança das decisões internacionais.

Se Deus quiser, Brasil e Portugal desempenharão no mundo o papel que deveriam estar desempenhando não fosse só agora ocorrer aos nossos governos esse tratado, tratado que nós Patrianovistas sempre desejamos, que há muito vimos nos batendo por ele e que constitui parte integrante do nosso programa como pode ser visto em «Orgânica Patrianovista» pág. 49.

Mas, nós Patrianovistas queremos ainda mais, queremos como querem também os Integralistas Lusitanos (monarquistas portugueses ou mais precisamente, Patrianovistas Lusitanos) um entendimento com a Espanha e nações hispânicas da América.

Enfim, muito já foi feito. O primeiro passo já foi dado. Quando se dará o segundo?

«Não pretendo nacionalizar nem os bens nem o capital estrangeiro. O que tenho é o dever de evitar a desnacionalização do Brasil». — «Os que levantam a bandeira da defesa do Brasil contra o golpe e a corrupção nunca apresentam uma linha sequer de esclarecimento ao Governo sobre esses problemas». (Do discurso de Vargas, de 2-2-54.)

caros Conciadãos, pelo que vos tomei, apesar de ter estado divagações literárias, de peço-lhes desculpas. Achei que era verdade, e um movimento magnitude como este não podia ser a margem correntes de pensamento político antagônicas, desde que paralelamente continuasse com a mesma capital: RENOVAÇÃO!

Porisso, para finalizar, vou fazer apenas uma citação: trata-se da mais recente obra de Ernest Du Rená, livro esse que, só pelo seu título já diz tudo: «LES INSTITUTIONS ONT CORROMPU LES HOMMES» — (As instituições corrompem os homens.)

Não é verdade? Então vejamos apenas este trecho: «Le syndicatisme en raison de sa puissance doctrinale, étant le maître, ne tardera pas à dominer l'Etat.»

Quando ao mais, temos homens, e muitos. Homens e varões dignos. A afiliação foi apenas de mediocridades. Mas esta tempestade um dia si-de acabar!

VIVA O BRASIL!
(*) Diga-se aqui, substituindo-se o que estava escrito: «Discurso que era para ser pronunciado, mas que a «chucha» não convinha; porisso não se foram, à última hora, nossa participação. Aliás, o tempo todo foi espolado com os oradores — «recuperadores» Jânio e La Cerdá e mais «recuperados» Mangabeira e Duarte.
... E o «movimento» teve repercussão nacional!...

A República

Transcrito de «O Missionário», de 14-11-1953, jornal de Sto. Angelo, Rio Grande do Sul.

«Certamente eram os líderes que proclamaram, abaixo de força, a República, em fins do século passado, pelas consequências que estamos vendo, ouvindo e sentindo.

Geraram este desencantado Brasil Republicano. Amanhã ele está de aniversário. Completa 64 anos de idade. Teve um passado menos alegre, e a continuar assim terá um futuro que deixará muito a desejar.

A culpa talvez foi terem os primeiros constituintes escolhido para padrinho os Estados Unidos da América do Norte. Parece até que escolheram os piores artigos daquela constituição, transformaram-na e na impingiram ao sempre tapado povo brasileiro.

O poder discricionário do Imperador D. Pedro II, que estava em franco declínio, foi substituído por outro poder discricionário, muito pior, o presidencialismo, mascarado de democrático.

A prova está que em 1893 estalou uma revolução para combater a situação criada pelo positivismo, que foi nada mais que um negativismo. Permanentes estados de sítio se sucederam.

Rui Barbosa, o maior político daquela época, reconheceu seu tremendo fracasso, como influente máximo da primeira constituição republicana. Viu logo a tremenda irresponsabilidade que se alastrava, fruto do novo regime.

Contra as consequências desta falha república sucederam-se as revoluções de 1922, 1924, 1926, 1930, e finalmente a de 1930. Esta sim seria a última, que poria um fim ao abuso e à irresponsabilidade dos que mandavam no Brasil...

Infelizmente puseram no governo um demagogo ilusionista, que desde o primeiro dia não cumpriu o que tratara.

Continua na 6a pagina



RESISTÊNCIA



PATRIANOVISTAS

... de suas partes, mas as respostas serão incompletas, mas serão bastantes para expor alguma coisa patrianovista. Queremos sempre ser breves, não faremos tratada nem sequer monografias.

1) — Que é a Ação Imperial Patrianovista Brasileira?
Resp. — A Ação Imperial Patrianovista Brasileira (A.I.P.B.) foi fundada pelo Dr. Arlindo Veiga dos Santos e é uma organização política que pugna pela reposição do Brasil no que é por nascimento e formação e consequentemente pela restauração do regime da monarquia orgânica e tradicional dos povos luso-brasileiros.

2) — Quem é o herdeiro do trono brasileiro?
Resp. — D. Pedro Henrique de Orléans e Bragança, neto da Princesa Isabel, a Redentora. Nasceu em Paris a 13-9-1909. Formou-se em Ciências Sociais e Políticas pela Sorbonne. Casou-se na Baviera com a Princesa Maria do Antigo trono bávaro em 19-5-1937. Possui seis filhos. Seu primogênito é D. Luis Gastão, nascido em Mandelieu na França.

3) — O patrianovismo é um partido?
Resp. — Não. O patrianovismo é uma doutrina política que combate a existência de partidos políticos.

4) — Se o patrianovismo combate os partidos, como pretende estabelecer o governo? ditatorialmente? discricionariamente?
Resp. — O patrianovismo não admite nem a ditadura nem o governo discricionário. Adota o governo monárquico orgânico, isto é, o regime monárquico com a organização do povo por meio do corporativismo.

5) — Como pode o povo participar do governo de outro modo se o único modo conveniente é a organização partidária?
Resp. — Os partidos políticos não são representações do povo. São artifícios para obter a que o povo não toma parte no governo. E de fato, as direções partidárias são constituídas de elementos que tudo procuram fazer para conseguir eleitorado e assim vencer nas eleições.

6) — Na luta partidária está o progresso político?
Resp. — A luta partidária tem por modo fundamental de agir o lançamento das lutas demagógicas. Tudo é prometido para nada ser cumprido.

7) — As leis devem ser feitas para o povo por meio de representantes do povo?
Resp. — Esta afirmação contém como base filosófica a doutrina dos revolucionários franceses, os quais ensinavam que o poder emana do povo e em nome do povo deve ser exercido. O cristão e católico dispensa os ensinamentos dos enciclopedistas franceses pois a Bíblia é a palavra de Deus e nela São Paulo ensinou que «todo o poder vem de Deus». Também o poder civil. O povo é a porção que deve ser governada e não que deve governar.

8) — É indigno para um brasileiro de hoje admitir que um monarca o venha a governar, pois cada brasileiro atual deve orgulhar-se de poder escolher seu governo?
Resp. — Não é indigno para os brasileiros atuais aceitarem um governo monárquico, pois o monarca está na tradição da Nação Brasileira. Não foi a Nação quem expulsou a Família Imperial, mas uma dúzia de militares traidores que tiveram por mãe: a intriga, a calúnia e o boato.

9) — O regime republicano foi aceito por todos os brasileiros desde 1889?
Resp. — É mentira. Muitos brasileiros ilustres não reconheceram a república. Como exemplo temos o amparado, heróico e grandioso Marquês de Tamandaré. Não só não aceitou o regime, e expôs como última vontade que seu caixão fúnebre fosse recoberto pela Bandeira do Brasil Monárquico, a verdadeira e que não estava errada como essa que a república desfralda enxovilhando as regras da ciência heráldica e servindo como objeto de moça para os que noutras terras conhecem dois dedos de heráldica.

10) — A era das monarquias já passou?
Resp. — Se a monarquia brasileira, apresentando tão rica folha de realizações em favor do povo brasileiro passou e nunca mais deve voltar, então é melhor a maldição total do Brasil. Porque serão os brasileiros obrigados a sofrer eternamente as doenças e corrupções que o infame regime republicano vem gerando sem cessar e sem dar descanso ao Brasil? Porque não podem os brasileiros estudar um pouco mais e concluir pela volta ao regime dos bons frutos.

11) — As dificuldades não devem aparecer para nos vencer, mas devem ser por nós vencidas. Concedermos que é difícil remover tantos erros e males nos quais o Brasil tem caído, mas porventura no Brasil de hoje só há velhos desaperceados?
Não!!! Há jovens patrianovistas! Há Pátria-Nova!!!

(Continua)

As eleições não foram realizadas 90 dias após. Veio a revolução de 1932. Em 1934 foi feita outra Constituição, falha como a anterior, pois o «Amigo da Onça» continuou no poder.

Seguiu-se o levante comunista em 1935, o golpe em 1937, a intenção integralista em 1938 e a queda do ditador em 1945. Nada ajudou para melhorar a República, pois o homem continuou no poder, com a maioria dos votos do povo brasileiro e o caos está no momento. Tudo isso são falhas do regime republicano-presidencialista.

está no momento. Tudo isso são falhas do regime republicano-presidencialista.

«De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto. — RUI BARBOSA».

— Noticiário —

... Fomos honrados com a visita do Coronel José Porfírio da Paz, Supte Vice-Prefeito da Capital, em nossa tertúlia sabatina do dia 7 de novembro último. O Sr. Cel. Porfírio, respondendo à saudação que lhe dirigiu o Cav. Prof. Alfredo Teixeira de Jesus, disse do prazer que sentia no encontro com velhos amigos, num ambiente de intelectuais, patriotas e de cristãos, pois é pontilhava o seu orgulho de pertencer a uma família de católicos praticantes, além de ter em seu sangue toda a origem de nossa brasilidade.

... Almirante Carlos Fenna Botto — Somos frequentemente honrados com amistosos correspondências do brihante herdeiro do indivizível patriota da Marinha Brasileira — Almirante Saldanha da Gama —, o qual chefia um dos mais vigorosos movimentos de restauração nacional — A Cruzada Brasileira Anti-Comunista. O comunismo, sendo a títrica daninha gerada pela republicanação, é um relevante tema de campanha patrianovista, pois é o regime republicano quem corrumpo os homens.

Apesar de tudo, ainda temos homens não corrompidos com os quais ainda podemos salvar a dignidade pátria, e evitar que o Brasil mergulhe para sempre nas trevas do comunismo iconoclasta que virá à República sindicalista que se avizinha a olhos vistos.

... 15 de Novembro — Dia dos Mortos Patrianovistas — Como nos anos anteriores, a única comemoração notável a esta data, foi a solene Missa Pelos Mortos Patrianovistas, encomendada pela Ação. Não houve nenhuma comemoração oficial digna de nota. Ahá, soubemos que este fato se deve ao conflito existente entre os adeptos de cada uma das cinco repúblicas; uns atribuíam a primazia a 15 de novembro, outros a nove de julho, outros a 1933, outros a 19 de novembro, outros a 29 de outubro, etc., enfim, a todas tradições da anti-nação. Sobre a data a A.I.P.B. expeliu a seus correligionários o Boletim Reservado n.º 2. (Ver adiante o artigo — «A República»).

... Conselheiro Professor Doutor A. Veiga dos Santos — Recebeu a 2/5/53 a dignidade do título de Conselheiro da «Cruzada de Cristo» o Prof. Veiga dos Santos, fundador do Patrianovismo e Chefe Geral da Ação Imperial Patrianovista Brasileira. Em respeito ao tão suspirado acontecimento e à justiça de tal honra, nossos correligionários promoveram uma tertúlia especial a que compareceu grande número de patrianovistas, membros do Supremo Conselho, representantes do Sr. Governador do Estado, Secretários da Justiça, Secretário do Governo, do Clero, Militares, dignitários de nobreza, etc.. No «Roof» da

«A Gazeta» foi-lhe oferecido um coquetel festivo e cordial.

... Cavaleiros — Foram dignados com este título pela «Ordem Souverain, Chevaleresque, Nobiliaire et Religieuse de la Couronne d'Epinee» do Principe Edmond de San Luigi, os Professores Hugo Paulo Lichtenberger, Alfredo Teixeira de Jesus e Antonio A. A. Queiroz Telles.

... Duque de Domocópola — Foi também elevado ao Ducado o Conde Adolpho Pagano, grande intelectual da Causa Monárquica, escritor e professor. O agraciamento de tão elevado título teve 22 pronunciamentos da Magistratura italiana, condicionados a outros tantos das Consultas Heráldicas, bem como pelos Decretos Reais firmados em janeiro de 1944 em Brindisi, por S.M. o Rei Vitorio Emanuel III, concessão da Dinastia Amorsense, e data de 16 de agosto de 1944, fruído de excepcional valor, quer em virtude de sua origem, quer por tratar-se de um diploma que outorga direitos de transmissibilidade hereditária.

... Candidatar-se-á a Vereador do Distrito Nacional o nosso confrade e Chefe Provincial — Sr. Paulo Pereira Reis, que, indicado pela falange de Plínio Salgado, será registrado pelo Partido de Representação Popular e, certamente eleito, ilustrará nossa presença nos parlamentos legislativos.

... Esteve entre nós entre 17 a 26 do corrente Dom Pedro Henrique de Bragança, nosso amado Dom Pedro III, que nas rudes lides da terra em sua Fazenda São José — Jacarizinho — Paraná, está celebrando pelo engrandecimento de nossa grande nação bragantina.

... De Caratinga, Minas, chegaram notícias através do «O Município», de que se promove ali uma grande subscrição para se erigir uma Herra a Dom Pedro II. São promotores da ideia: Pe. Dr. José Rocha de Castro, Joaquim Vicente Bonfim, Joaquim Felício do Carmo, Cap. Dr. Antonio Aparecida Rocha de Castro, Dr. Isidoro da Silva, Pe. Geraldo Majela do Carmo, Mons. Aristides Marques Rocha, Dr. Archimedes Teodoro, 1.º Ten. Alvaro Duboc Filho, além de outros. Parabéns pela ideia. «Resistência» associa-se a esta homenagem que não devia faltar em nenhuma das cidades brasileiras.

... De São José do Rio Preto, nosso infatigável Amigo e Correligionário, Chefe Regional Sr. Paschoal Decrescenzo nos dá conta da missa em Ação de Graças promovida naquela cidade por ocasião da passagem natalícia de Dom Pedro Terceiro, cerimônia essa a que compareceram todas autoridades e pessoas gradas daquela grande cidade paulista.



LUXANDO SEM PODER

O Brasil está procedendo em sua economia interna como essas pessoas que vivem existência de luxo para a qual não têm poses suficientes. Moram em palácios com cidades numerosas, compram automóveis de alto preço e vestem pelos últimos figurinos, nos melhores costurheiros. Mas não pagam os armazéns, endividam-se com os fornecedores, dão facilidades aos amigos. Não é caricatura. É um retrato fiel. Falamos evasididos a respeito do progresso de nossas cidades. Com estúpida exclamamos: «São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo!» Esquecemos, no entanto, que os arranha-céus, as grandes avenidas, o progresso urbano são construídos com dinheiro emprestado ou com di-

nhheiro que arrancamos do interior, privando as empresas produtivas da indústria e da lavoura de recursos próprios para se desenvolverem. Vai se ver de perto esse luxo e logo se repara que por dentro tudo é melancolia. Nessas portentosas cidades, das quais costumamos falar com o peito inchado, falta tudo que garante o mediano conforto da vida. Falta água, energia, luz, transporte, alimento, assistência. Já ouvi dizer que dentro em pouco não teremos onde enterrar os mortos, por falta de sepultura nos cemitérios. Mas o que falta, antes e acima de tudo, é juízo na cabeça dos homens. Austréguido de Athayde